

CORREIO CULTURAL



Maria Ribeiro como Sinhá Vitória em 'Vidas Secas'

Morre Maria Ribeiro, de 'Vidas Secas', aos 102

Maria Ribeiro, atriz conhecida por viver Sinhá Vitória em "Vidas Secas", filme de Nelson Pereira dos Santos, morreu na última terça-feira (30), aos 102 anos. A morte foi divulgada pela sua filha, Wilma da Silva, no Facebook. Ribeiro nasceu em Sento Sé, na Bahia, em 1923. Se mudou para o Rio aos 15 anos, mas começou a carreira de atriz aos 35. Na capital carioca, ela trabalhava em um laboratório

rio onde diretores do cinema novo revelavam os negativos de seus filmes. Foi ali que conheceu Nelson, que a convidou para atuar em seu filme. A atriz estrelou também "A Hora e a Vez de Augusto Matraga", "Os Herdeiros", "O Amuleto de Ogum", "Soledade, A Bagaceira" e "Terceira Margem do Rio". Nos anos 2000, fez outros dois longas, "Como se Morre no Cinema" e "As Tranças de Maria".

Um astro na penúria

Mickey Rourke precisou recorrer a uma vaquinha para evitar ser despejado de sua casa em Los Angeles (EUA). O ator de 73 anos estrelou diversos filmes em Hollywood e ficou famoso nos anos 1980 por filmes como "9 ½ Semanas de Amor". Rourke está devendo quase US\$ 60 mil (cerca de R\$ 325 mil) em aluguéis atrasados. No mês passado, recebeu uma notificação informando que ele precisaria desocupar o imóvel. Uma amiga criou um financiamento numa plataforma online para arrecadar dinheiro e pagar a dívida.

Influência

Letícia Spiller volta para a televisão no dia 12 interpretando uma cantora sertaneja em "Coração Acelerado" (Globo). A última produção da atriz foi "O Sétimo Guardião" (2019). "Eu tenho me inspirado muito na Paula Fernandes para criar o jeito da Janete", disse em entrevista ao jornal Extra.

Influência II

Spiller deu ainda spoilers sobre a sua personagem. "Ganhei uma heroína fora da curva, dona de muita força e também de vulnerabilidades. Para qualquer atriz, é um prato cheio. E ela tem esse nome por causa da rainha dos fihetins, Janete Clair", conta a atriz.

Rosalía, a 'carioca', chora na despedida

Rosalía deixou o Brasil neste domingo (4). A cantora espanhola, que passou o Réveillon no Rio e curtiu a cidade como poucos, publicou sua despedida nas redes sociais. "Não queria ir embora", escreveu ela em uma publicação nas redes sociais. Na imagem, ela aparece com lágrimas nos olhos. E deixou uma mensagem de agradecimento: "Rio, obrigado por tudo".



A solidão como território

Vencedora do Prêmio Alceu Amoroso Lima, a poeta e compositora Denise Emmer lança obra que dilui fronteiras entre prosa e poesia

A escritora Denise Emmer acaba de lançar seu novo livro "Só os loucos batem palmas para o céu" (Ed. Cavalo Azul), uma coletânea de 17 contos em prosa-poética que aprofunda sua investigação sobre os limites entre gêneros literários. Vencedora do Prêmio Alceu Amoroso Lima Poesia e Liberdade 2021, a autora constrói nesta obra um mosaico narrativo que dialoga com seus trabalhos ficcionais anteriores, "O Cavalo Cantor" e "O Barulho do Fim do Mundo", conferindo densidade rara à sua vertente estética que flerta com o realismo mágico.

A solidão emerge como eixo central dos contos como território existencial. A escolha da epígrafe revela essa perspectiva: um fragmento de "Cem anos de solidão", de Gabriel García Márquez, que diz "Ele realmente tinha passado pela morte, mas retornou porque não suportava a solidão". Essa frase funciona como chave interpretativa do livro, onde personagens retornam da morte, do esquecimento, da infância ou do nunca para viver a solidão da existência. São órfãos, naufragos e criaturas suspensas entre mundos.

"Sou uma poeta, que, por vezes, resolve sair da sua métrica para viver algumas aventuras", comenta Denise. "Ao escrever estas histórias, eu as vivo intensamente. Sou, ou parte do enredo, ou a observadora que narra os acontecimentos sem entrar nas polêmicas. Para mim, escrever contos é uma forma de viajar sem sair do quarto", conclui.

Os títulos já sugerem um universo de enigmas e metáforas: "A mulher que dançava", "Senhor solidão", "Palco das criaturas", "As despedidas do Nunca", "A árvore Sonâmbula", "O mosteiro do penhasco", "Amor elevado a infinito", "Meu Kilimanjaro" e "Coração disparado", entre outros. Em "Senhor solidão", a autora



Denise Emmer se diz parte do enredo ou uma atenta observadora dos contos de seu novo livro



cria um cenário doméstico sufocante onde um artista célebre vive com a mãe centenária, transformando a rotina banal em metáfora da dependência e da clausura. Já em "Palco das Criaturas", um pianista sem rosto aguarda sua entrada no palco para interpretar uma sonata inexistente, despertando marginalizados e loucos, mas sem plateia. Quando finalmente toca para um público lotado, é vaiado e seu piano se desmonta, numa parábola sobre a arte invisível e o fracasso da glória.

"As despedidas do Nunca" medita sobre a morte e o adeus, com a narradora percorrendo paisagens e despedindo-se de tudo, até dos pais transformados em estátuas. O texto avança como fluxo de consciência, misturando memória, sonho e realidade, culminando na cena do aeroporto com o voo Pterossauro para o "Nunca", onde a morte surge como embarque e destino final.

A vocação musical sempre permeou as expressões artísticas de Denise. Inicialmente bacharelada em Física, formou-se em seguida no Bacharelado em Música, desportando nos anos 1980 como compositora e cantora. Com vários CDs gravados, integra como violoncelista orquestras e grupos de câmara. Sua trajetória literária acumula importantes reconhecimentos, como o Prêmio ABL de Poesia 2009, o Prêmio Associação Paulista dos Críticos de Arte, o Prêmio José Martí da Unesco e o Prêmio Olavo Bilac da ABL.

DENISE EMMER

“Sou uma poeta, que, por vezes, resolve sair da sua métrica para viver algumas aventuras”